

2.

O contexto da Epístola aos Gálatas e sua diversidade

2.1.

O território e o povo da Galácia.

O povo da Galácia era de base celta, que na primeira metade do século III a.C. abriram caminho pela Europa e migraram para a região central da Ásia Menor, fixando-se ao norte da península, que recebeu o nome de Galácia – o país dos gauleses. Em 278 a.C. os denominados Gálatas vieram à Ásia Menor a convite de Nicomedes, rei da Bitínia, e fixaram-se em Ancyra; cerca de dez mil guerreiros, que traziam consigo mulheres, crianças, viúvas e idosos. Era uma espécie de nação em busca de um lugar para morar ¹.

No período de 25 a.C. a Galácia foi ocupada pelo Império Romano e integrada a uma confederação mais ampla, denominada Província Romana da Galácia – abrangendo a Psídia, Isáuria, partes da Licaônia, Panfília, Panflagônia, Frígia Oriental, o Ponto Polemoniano e a Armênia Menor ².

Após a morte do rei Átalo I de Pérgamo em 197 a.C., os gálatas tentaram ocupar também regiões ao ocidente, mas sofreram uma grande derrota para Roma em 189 a.C., quando tiveram suas terras confiscadas e utilizadas por Roma como base militar para adquirir outras regiões ³.

Por terem sido fiéis aos romanos na guerra vitoriosa contra Mitrídates VI, Pompeu, um governante Gálata sob concessão Romana foi recompensado podendo reorganizar o seu território ⁴. Já em 164 a.C., desta vez sem guerra,

¹ MURPHY-O`CONNOR, J. *Paul a Critical Life*, pp.185-186.

² GONZAGA, W., *A Verdade do Evangelho e a Autoridade na Igreja*, p. 24.

³ BETZ, H. *Galatians A commentary on Paul's Letter to the Churches in Galatia*, p.2.

⁴ *Ibid.*, p. 2.

ampliou novamente o seu território tendo fundado a cidade de Pessino (Balahissar).

Após a morte do rei Amintas em 25 a.C., o imperador romano Augusto criou a Galácia Romana, que incluía a antiga região conhecida como Galácia além Psídia, Isauria, Panfília, Licaônia, Paflânia e Ponto Galático ⁵.

Os gálatas se constituíram de um “povo misto”, eles se casaram com habitantes dos locais onde passaram a ocupar (como a Frigia). Os Frígios, com quem os Gálatas se misturaram, eram considerados calmos, apáticos, acomodados e adeptos de degradantes rituais. Já os gálatas eram considerados ferozes, perigosos, mas muito simples e enganados facilmente ⁶. Era, portanto, um povo mestiço devido às misturas, além de serem vistos e considerados como representantes dos bárbaros ⁷.

O último rei autônomo da Galácia fora Amyntas, que morreu em 25 a.C. numa guerra contra o poderoso exército romano ⁸. A Galácia é a também chamada Anatólia Central da Ásia Menor, hoje localizada na região onde está a Turquia. A capital da Turquia, Ankara, fica na mesma região que nos tempos dos gregos e romanos, na época denominada de Ancira.

O nome Galácia, vem do termo *Galátai*, que era utilizado pelos gregos. Sendo que o termo Galácia podia referir-se, especificamente, a um distrito territorial ao norte da Província ou a toda Província romana, com diferentes povos, línguas e costumes.

A dualidade de regiões que podiam ser identificadas semelhantemente por Galácia acarretou na origem de duas diferentes teorias sobre o verdadeiro destino da epístola paulina: aos Gálatas do Norte (restrito ao primitivo distrito) ou aos Gálatas do Sul (abrangendo toda a nova Província Romana) ⁹.

Sabe-se que a região era grande produtora de lã de carneiro e em algumas pedras tumulares da mesma época de Paulo foram encontradas figuras da roca de e o carretel para fiar, demonstrando a importância de tal atividade na região.

⁵ WITHERINGTON III, B., *Grace in Galatia. A Commentary on Paul's Letter to the Galatians.* pp. 2-3.

⁶ FERREIRA, J. A., Tese: *A abertura de fronteiras rumo à igualdade e liberdade : A perícopes da unidade em Cristo (Gl 3,26-28)*, p.28.

⁷ MURPHY-O'CONNOR, J. *Paul, a Critical Life.* pp. 190-191.

⁸ MAZZAROLO, I., *A bíblia em suas mãos.* p.179.

⁹ GONZAGA, W., *A Verdade do Evangelho e a Autoridade na Igreja,* p. 24.

Também foram encontradas em pedras tumulares figuras de cachos de uvas ¹⁰, além de desenhos do trigo e de juntas de bois puxando o arado. Com os dados destacados pode-se concluir que na época em que Paulo esteve na região, a economia da região era basicamente rural, sustentada pela pecuária (pequenos rebanhos), produção de lã, viticultura e cultivo de cereais ¹¹.

Era uma região árida e bastante deserta, com muitas encostas e enormes ladeiras. Existem grandes colinas e dentre elas estão a chamada Adores (hoje mais conhecida como Bel Pundar Dag), a colina Dindymus (hoje Gunjusu) e Boz Dag. Destaca-se a presença de alguns rios (que eram importantes para os missionários viajantes), como o Sangarius (hoje Sankaria) e o Tembris (hoje Pursak) ¹². Chegar à região não era nada fácil e os viajantes enfrentavam paisagens com pouquíssimas árvores que lhe dessem sombra e um calor extremado, sendo que no inverno o clima mais uma vez ficava igualmente adverso, chegando a 20 graus negativos, além da presença de neve e tempestades ¹³. Com este cenário, dá para se ter ideia de como era difícil para os evangelizadores e demais pessoas chegarem à região e se locomoverem entre os povoados, fosse por embarcações, fosse caminhando ou ainda com o auxílio de animais.

2.2.

Autoria da epístola

A epístola aos Gálatas foi escrita pelo apóstolo Paulo, com poucas dúvidas e questionamentos sobre a sua autoria ¹⁴. Gálatas, juntamente com Romanos, I e II aos Coríntios, são as quatro cartas que hoje em dia apresentam poucas dúvidas sobre a autoria Paulina ¹⁵. Existem outras cartas também tidas como Paulinas, no entanto, as

¹⁰ O vinho deve ter sido uma fonte importante de sobrevivência para os moradores, o desenho na lápide reflete de alguma forma a importância daquela atividade.

¹¹ MURPHY-O'CONNOR, J., *Paul a Critical Life*, p.185-186.

¹² FERREIRA, J. A. Tese: *A abertura de fronteiras rumo à igualdade e liberdade : A perícopes da unidade em Cristo (Gl 3,26-28)*. p.25.

¹³ MURPHY-O'CONNOR, J. *Paul a Critical Life*. p.120.

¹⁴ RAMAZZOTTI, B., "La lettera ai Galati". In CANFORA, G.; FESTORAZZI, F.; ROSSANO, P.(orgs). *Il messagio della salvezza 7*. Leumann: LDC, p.274.

¹⁵ CARR, W. M., *Exegese aos Gálatas*, pg. 09

quatro citadas possuem menores questionamentos e quase que nenhuma dúvida ¹⁶. O primeiro uso histórico da epístola, como parte do cânon, ocorre em 144 d.C., nos escritos de Marcião ¹⁷, que a incluiu entre os dez livros de Paulo que ele considerava sagrados. Posteriormente, em 185 d.C., o cânon muratoriano ¹⁸ também incluía esta epístola como sendo paulina. Antes mesmo, Policarpo, em sua epístola aos Filipenses ¹⁹, a citou. Irineu ²⁰, Valentino ²¹, Clemente de Alexandria ²² e Tertuliano ²³ também a citaram, pois era abundantemente usada nos séculos II e III d.C. ²⁴.

¹⁶ Não apenas Wesley Caar apontam o apóstolo Paulo como o autor da epístola aos Gálatas, outros caminham na mesma direção. Até o século passado poucos estudiosos das Escrituras duvidavam da autoria paulina da Epístola aos Gálatas. Até que Baur e seus seguidores sugeriram que ela era resultante da controvérsia legalista que houvera na igreja primitiva, tendo sido escrita por elementos Paulinistas, em nome de Paulo, a fim de prestarem senso de autoridade à posição que haviam tomado.

¹⁷ Marcião de Sinope (viveu entre 110-160) foi um teólogo cristão e fundador do que veio depois a ser chamado marcionismo. Foi o autor das "Antíteses". De acordo com a sua teologia, o Antigo Testamento deveria ser rejeitado e apenas os textos que ele atribuiu a Paulo deveriam ser tidos como sagrados. É considerado o primeiro crítico bíblico. Considerava que o Deus vingativo do Antigo Testamento não poderia ser o mesmo Deus amoroso a que Jesus se referia como Pai, e por isso, achava que só o Novo Testamento interessaria aos cristãos. Mas Marcião também não aceitava os quatro evangelhos canônicos, pois os considerava corruptos, cheios de falsificações. Foi o primeiro a citar o nome do apóstolo Paulo em suas 140 cartas, havendo mesmo quem avance que este último teria sido forjado por Marcião ou ainda que Marcião e o apóstolo Paulo seriam a mesma pessoa.

¹⁸ Cânon muratoriano é um manuscrito do século oitavo, a indicar que esta é a tradução de um original grego datado de cerca de 170. O fragmento contém todas as obras que foram aceitas como textos canônicos pelas igrejas. O autor anônimo aceita quatro evangelhos. O autor do texto também aceita os Atos dos Apóstolos e treze cartas de Paulo, mas não a Carta aos Hebreus. Aceita a carta de Judas e duas com o nome João e da sabedoria de Salomão.

¹⁹ CITAR A CARTA QUE POLICARPO TERIA ESCRITO OU RETIFICAR O ERRO!

²⁰ Irineu, *Bispo de Lyon*, nasceu em Esmirna, na Ásia Menor (Turquia), no ano 130, em uma família cristã. Irineu era grego e foi influenciado pela pregação de Policarpo, bispo de Esmirna. Depois mudou-se para Gália (atual sul da França), para a cidade de Lyon, onde foi um presbítero em substituição do bispo que havia sido martirizado em 177. Irineu também recebeu influência de Justino. Ele foi uma ponte entre a teologia grega e a latina, a qual iniciou com um de seus contemporâneos, Tertuliano. Enquanto Justino era primariamente um apologista, Irineu contribuiu na refutação contra heresias e exposição do Cristianismo Apostólico. Sua obra maior se desenvolveu no campo da literatura polêmica contra o gnosticismo.

²¹ CITAR DE QUEM SE TRATA E A OBRA ONDE FALA DA CARTA AOS GÁLATAS!

²² Tito Flávio Clemente, nasceu em Atenas ou Alexandria, por volta de 150. Depois de se converter, viajou pela Itália, Síria, Palestina e se estabeleceu em Alexandria, tornando-se aluno de Panteno. Segundo Quasten, "A obra de Clemente de Alexandria marca toda uma época. Não seria exagero louvar nele o fundador da teologia especulativa. Clemente foi o iniciador arguto e feliz de uma escola que se propunha a defender e aprofundar a Fé com o auxílio da Filosofia." Dele nos ficaram o Protróptico aos Gregos, o Pedagogo, os Estrômatas, uma Homília e diversos fragmentos

²³ Tertuliano, viveu de 155 a 222 d.C. Sendo um dos mais importantes escritores eclesiásticos da Antiguidade. Formou-se como jurista e exerceu advocacia em Roma. Converteu-se ao Cristianismo por 193, e estabeleceu-se em Cartago, pondo a sua erudição ao serviço da fé. A partir de 207 passou ao montanismo, e permaneceu separado da Igreja até à morte, ocorrida por volta de 222.

²⁴ GIAVINI, G., *Gálatas – Liberdade e Lei na Igreja*, p. 430.

De um modo geral, devido às grandes evidências de natureza histórica e biográfica, os eruditos concordam que o apóstolo Paulo seja o verdadeiro autor. Na igreja antiga praticamente nenhuma voz se levantou contra a posição de que Paulo era o autor da epístola, sendo que na igreja moderna apenas alguns poucos extremistas negaram todas as epístolas ditas paulinas como sendo do apóstolo²⁵.

Sobre a autoria da epístola aos Gálatas não repousa grandes dificuldades, visto que a maioria dos estudiosos²⁶ não levantou questionamentos sobre o fato de ser Paulo o autor da mesma. Neste sentido, existem várias evidências que apontam para a pessoa do apóstolo Paulo como legítimo autor da carta. Dentre os vários argumentos favoráveis à autoria paulina da epístola aos Gálatas, pode-se apontar alguns para melhor compreensão e segurança da temática.

O apóstolo Paulo costumava usar o título apóstolo, é o que faz em Gl. 1,1, assim como fez em I aos Coríntios 1,1; Seu propósito ao fazer isso era empregar autoridade de seu ofício²⁷. A epístola já abre no seu primeiro versículo identificando um autor, “Paulo”, ao mesmo tempo em que o confere um título, “apóstolo”, seguida da afirmação de que seu apostolado não vem dos homens, mas da parte de Jesus Cristo e de Deus Pai²⁸.

Outro fato importante que corrobora a teoria da autoria paulina da epístola aos Gálatas, é o fato histórico da ausência de grandes questionamentos da autoria paulina, o que já fala por si mesmo. Morton Scott Enslin defende que “esta é uma epístola genuína de Paulo e que possuímos essencialmente conforme foi originalmente escrita. Ela tem sido posta em dúvida com grande raridade, e isso jamais por críticos sem preconceitos. Não se pode pensar, portanto, na possibilidade de ser uma carta forjada”²⁹.

²⁵ GUTHRIE, D. *Galatians, The New Century Bible Comentary*. Tradução portuguesa, Gálatas, Introdução e Comentário, Cidade Dutra, pp. 19, 48.

²⁶ Nem estudiosos do passado, nem estudiosos do presente. São poucas as vozes que dissoam diante a grande maioria que defendem a autoria paulina.

²⁷ CALVINO, J., *Gálatas*. p. 17.

²⁸ Cf. CALVINO, João. *Gálatas*, p. 17. Para João Calvino, a autoridade Paulina não dependia dos homens, mas de Deus. Sendo que a igreja deveria ouvir apenas a voz de Deus na pessoa de Jesus Cristo, com isso qualquer pessoa que desejasse falar à igreja, ser instrutor da igreja, deveria obrigatoriamente falar em nome de Deus ou de Cristo. Calvino ainda argumenta que Paulo ao mencionar o seu título que é oriundo da diretamente de Deus em Jesus Cristo, está chamando a atenção dos leitores para o que ele falaria a seguir. Ainda existia um terceiro motivo para Paulo mencionar que a sua chamada era de Deus, o fato de sua autoridade ser constantemente questionada o obrigara a falar com maior vigor que nas outras epístolas, ele portanto é claro e enfático, sua chamada “não é da parte dos homens, nem por intermédio de homem algum”.

²⁹ ENSLIN, M.S., *The Literature of the Christian Movement, parte III*. p. 216.

O vocabulário da epístola aponta para a autoria paulina, visto que na mesma existe um total de 526 ³⁰ palavras, das quais 33 são *hápax* do Novo Testamento ³¹, 101 são *hápax* paulinos ³². Ao todo a obra possui 2200 palavras, com uma proporção média de vocabulário na ordem de 4,22 ³³. A média de repetição vocabular é absolutamente normal dentro dos padrões paulinos, visto que apesar de ser uma epístola pequena, está dentro da proporção de outras cartas paulinas, como: média de 7,04 de 1 Coríntios; média de 6,64 de Romanos; média de 5,62 de II Coríntios; média de 2,56 de I Tessalonicenses; média de 3,62 de Filipenses; e média de 2,33 da carta a Filemon ³⁴.

Um outro fato importante repousa no fato de que a epístola traz uma vasta gama de informações sobre a vida do apóstolo Paulo, seu trabalho missionário e suas heranças genuinamente judaicas. Sabe-se que originalmente ele era judeu de nascença, circuncidado, descendente da tribo de Benjamim ³⁵, fariseu, educado aos pés de Gamaliel e perseguidor da seita cristã ³⁶.

Muitos teólogos argumentam que além de ter um escrito de Paulo, Gálatas foi o primeiro livro a ser escrito no Novo Testamento. Outros afirmam que Gálatas foi escrito na terceira viagem missionária de Paulo, logo antes de Romanos. Sendo que a maioria opina que Gálatas foi escrita na segunda viagem missionária de Paulo, pouco depois de ele ter escrito I e II Tessalonicenses ³⁷.

Se existe razoável consenso de que a epístola aos Gálatas fora escrita por Paulo, quem então seria Paulo? Qual a sua origem e história? Qual a sua importância na história do cristianismo? Na busca das respostas, vale destacar que

³⁰ Dessas 526 palavras, 392 delas se repetem várias vezes ao longo da epístola, logo o total geral das palavras contando os *hápax*'s e as palavras que se repetem é bem maior.

³¹ Só ocorre uma vez no Novo Testamento.

³² Só ocorre uma vez nas cartas Paulinas. Vale registrar que existem algumas divergências entre especialistas sobre os escritos elencados como genuinamente de Paulo.

³³ A média vocabular indica o repertório de palavras que o autor costumava utilizar. Trata-se de uma análise bastante simples e objetiva, basta verificar a quantidade de vezes que a mesma palavra é utilizada na mesma epístola, no caso em questão, cada palavra é repetida em média 4,22 vezes.³

³⁴ SANCHEZ, J. B., *Escritos de Paulo*, p.233.

³⁵ A tribo de Benjamim era uma das doze tribos de Israel. Recebeu o nome do filho mais novo de Jacob (Israel) e Raquel. Com a divisão de Canaan, ficou com o território entre Efraim a Norte e Judá a Sul, incluindo cidades importantes como Jerusalém, Jericó, Betel, Gibeon e Mispá. Saul, o primeiro rei de Israel, era benjamita, filho de Quis. A partir daí, a linhagem real passou a ser da Tribo de Judá. Quando se deu a divisão do reino, Benjamim permaneceu fiel à casa de David e, portanto, formou um reino com a Tribo de Judá, ao passo que as restantes dez tribos (também chamadas de Tribos do Norte) formavam um outro reino Israel.

³⁶ GONZAGA, W., *A Verdade do Evangelho e a Autoridade na Igreja*. p. 20.

³⁷ CARR, W. M., *Exegese aos Gálatas*, pg. 11.

a epístola aos Gálatas e o autor se revelam mutuamente. Gálatas, portanto, é um documento que traz muitas informações sobre o autor ³⁸.

Paulo era descendente de judeus e teria nascido entre os anos 05 e 10 d.C. na cidade de Tarso, província da Cilícia, Ásia Menor. Conheceu desde cedo a cultura judaica e grega e foi enviado pelos pais a Jerusalém para aprofundar seus estudos na cultura judaica e se torna um defensor da Lei de Moisés ³⁹.

O autor da epístola aos Gálatas, Paulo, se fez presente no aparecimento de Estevão (Atos 7.58), concordava com a perseguição aos cristãos (Atos 8.1), passou por um processo místico de chamado e início de conversão (atos 9.1-5) e, depois de três anos na Arábia, iniciou efetivamente sua jornada missionária ⁴⁰.

Paulo considerava claramente a conversão como um modo diferente de vida. Filipenses 3.6 fala do zelo que Paulo tinha ao perseguir a igreja, e este zelo é naturalmente entendido como intensa fidelidade à Lei. Paulo fora convertido à posição que antes perseguira, abandonando a Lei - mesma Lei que foi interpretada como fonte de aprovação para a morte de Jesus – sendo que o encontro místico com Jesus num caminho para Damasco revelou que Deus vingara esse mesmo Jesus. A leitura, pois, é que a Lei é morta, pois Jesus é o fim da Lei ⁴¹.

2.3.

Destinatários

Até meados do século XIX, a posição defendida sem levantar questionamentos era a de que os destinatários da epístola aos Gálatas era o distrito geográfico ao Norte ⁴². A grande controvérsia diz respeito sobre quem seriam os verdadeiros destinatários da epístola. Uma das teses mais clássicas defende que Paulo teria de fato escrito aos Gálatas do Norte em meados de 54 – 57 d.C, quando estava em Éfeso ⁴³. Segundo outros autores, a epístola também poderia

³⁸ C.f., FERNANDES, R., In “Gálatas” (carta a los), Dicionário San Pablo, p. 569-787. “Es el documento más importante del NT para conocer la biografía del apóstol y su teología”.

³⁹ MAZZAROLO, I. *O Apóstolo Paulo: O grego, o judeu e o cristão*, p. 08.

⁴⁰ Ibid., p. 10.

⁴¹ DUM, J., *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 400.

⁴² GUTHRIE, D., *Gálatas: Introdução e comentário*, p.27.

⁴³ GONZAGA, W., *A Verdade do Evangelho e a Autoridade na Igreja*, p. 18.

ter sido escrita de outras cidades, num período variante entre 47 - 57 d.C. Kümmel defende que foi escrita em Éfeso ou na Macedônia, no ano de 54 ou 55 da era cristã ⁴⁴. Willian Ramsay é da opinião de que a referência era a uma província romana (At. 16.6), incluindo a Galácia propriamente dita, e partes da Pisídia e Licaônia ⁴⁵. Lighfoot afirma ser a Galácia um pequeno território de cerca de 300 quilômetros de extensão, no distrito da Ásia Menor, que os Gauleses invadiram e dividiram em três tribos ⁴⁶.

Com base nas diferentes correntes que procuram delimitar o correto espaço geográfico da Galácia, Charles Erdman ⁴⁷ afirma que não é fácil ter certeza se a epístola foi destinada somente às igrejas de Ancira, Pessimo e Távio, estabelecidas por Paulo em sua segunda viagem missionária, na primitiva e restrita região da Galácia, ou se teria sido endereçada às igrejas da região Sul, de Antioquia da Pisídia, de Icônio, de Listra e Derbe, da extensa província romana da Galácia, quando o apóstolo fez sua primeira viagem missionária pela Ásia Menor.

Alguns comentaristas abandonaram a tradicional teoria de que a epístola teria sido escrita apenas à Galácia do Norte, ao mesmo tempo em que defendem a teoria da Galácia do Sul. Afirmam que o apóstolo, enquanto cidadão romano, tinha o costume de agrupar as igrejas segundo as províncias romanas a que pertenciam, tal como fez com as da Macedônia e da Acaia, e possivelmente também o teria feito com as da Província da Galácia. Alguns defendem que as cidades situadas na Galácia do sul, como Antioquia, Listra e Derbe, encontravam-se ao longo das principais rotas de viagem e tinham muito mais importância que as do norte.

A teoria da Galácia do Sul surge em 1748 com Joh Joachin Schmid, tendo muitos seguidores da mesma teoria. É o caso dos Ingleses representado principalmente por Ramsay que fez grandes pesquisas na Ásia Menor se tornando uma autoridade nesse campo ⁴⁸, ainda pode-se acrescentar em destaque outros autores como T. Zahn e Guthrie ⁴⁹.

⁴⁴ KÜMMEL, W., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 394.

⁴⁵ MCDANIEL, G., *As Igrejas do Novo Testamento*, p. 47.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 47.

⁴⁷ ERDMAN, C., *Aos Gálatas*, p. 18.

⁴⁸ TENNEY, M.C., *Gálatas*, p.58.

⁴⁹ GONZAGA, W., *A Verdade do Evangelho e a Autoridade na Igreja*, p. 26.

Charles Erdman acredita que não há uma razão indiscutível para se abandonar a opinião tradicional, acrescentando que, segundo tal teoria, este teria sido o curso dos eventos: na sua primeira viagem missionária Paulo fundou as igrejas de Antioquia da Psídia, de Icônio, Listra e Derbe; na segunda, passou por estas cidades e depois, detido por enfermidade, pregou na velha Galácia, e fundou as igrejas da Galácia, passando então a Troade e à Europa; na terceira viagem, retornou à Galácia, visitou as igrejas que ali tinha deixado e, seguindo a velha estrada real que atravessava aquela região, rumou para o oeste, caminho da Frígia, até Éfeso. Esta carta deve ter sido então escrita, ou de Éfeso, ou, poucos meses mais tarde, de Corinto, possivelmente em 57 ou 58 d.C.⁵⁰. Segundo Tenney, nenhuma das duas teorias afeta a verdade doutrinária da epístola aos Gálatas e cada qual conta com alguma coisa que pode ser dita a seu favor, pois a evidência não pesa para um dos dois lados apenas⁵¹.

Existem de fato dúvidas e divergências de opiniões sobre a quem Paulo se dirigiu. A questão brota do fato de ter havido na Ásia Menor um território razoavelmente pequeno colonizado por gauleses, que se chamava Galácia, sendo que posteriormente os romanos constituíram ali uma província muito maior a qual deram esse nome. Alguns comentadores antigos achavam que as *igrejas da Galácia* estavam localizadas naquele território pequeno e grande número de comentadores hoje em dia seguem essa opinião.

Wesley Carr⁵², concordando com outros autores, defende que era costume de Paulo designar, por nomes romanos, as regiões mencionadas nas cartas que escrevia. É, portanto, possível que as igrejas da Galácia estivessem na Galácia romana e não na antiga Galácia (a gaulesa). A essa teoria é dada o nome de “teoria da Galácia do Sul”. Corroborando com a teoria da Galácia do Sul reside o fato de que as igrejas dali são as únicas mencionadas nos Atos dos Apóstolos, assim como as condições do lugar correspondem às mencionadas na epístola aos Gálatas.

Ainda segundo Wesley Carr, existe uma ideia contrária chamada de “teoria da Galácia do Norte”, no entanto, insere-se o fato de que muito estudiosos não sabiam que poucos anos depois de Paulo, houve uma divisão na província romana

⁵⁰ ERDMAN, C., *Aos Gálatas*, p. 18.

⁵¹ TENNEY, M. C., *Gálatas*, p. 57.

⁵² CARR, W. M., *Exegese aos Gálatas*, p. 10

da Galácia e a parte do Sul recebeu novo nome. Enquanto que o nome Galácia permaneceu apenas com a parte do norte, que coincidia mais ou menos a antiga região da Galácia étnica. Todavia, os teólogos da igreja provavelmente não sabiam do referido desmembramento, visto que este fato somente foi desvendado com os historiadores modernos, ao estudarem o império romano.

Pode-se de forma bastante confortável argumentar que possivelmente Paulo escreveu às igrejas das cidades de Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, conforme Atos 13,13-14 e 14,20-25⁵³.

E, navegando de Pafos, Paulo e seus companheiros dirigiram-se a Perge da Panfília. João, porém, apartando-se deles, voltou para Jerusalém. Mas eles, atravessando de Perge para a Antioquia da Pisídia, indo num sábado à sinagoga, assentaram-se (At. 13, 13-14).

Rodeando-o, porém, os discípulos, levantou-se e entrou na cidade. No dia seguinte, partiu, com Barnabé, para Derbe. E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia, fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus. E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuos, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido. Atravessando a Pisídia, dirigiram-se a Panfília. E, tendo anunciado a palavra em Perge, desceram a Atália (At. 14, 20-25).

No tempo de Paulo, os descendentes dos antigos gauleses formavam uma minoria, enquanto que os habitantes primitivos da região constituíam a maioria, devendo-se acrescentar os gregos, romanos e judeus que também residiam na Galácia. A maior questão, entretanto, é se os destinatários da epístola paulina, sejam eles da Galácia do norte ou do sul, seriam ex-pagãos ainda incircuncisos. Pode-se considerar várias hipóteses sobre os destinatários, como sendo judeus-cristãos já circuncidados e que também desejavam ver circuncidados os étnico-cristãos, ou gentios, e ainda a hipótese de serem judeus-cristãos da diáspora, ainda não circuncidados e, portanto, pressionados à circuncisão e à observância de toda a Lei de Moisés e do judaísmo.

Segundo Giavini, esta seria uma resposta impossível de se obter, visto o autor defender que, possivelmente, ali naquele contexto deveriam existir os três

⁵³ Versão da Bíblia Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida.

grupos simultaneamente ⁵⁴. Neste caso, aumentaria ainda mais o conflito e a polêmica dentro das igrejas.

Independentemente da posição que se tome, seja ela a favor da teoria da Galácia do Norte ⁵⁵ ou pela teoria da Galácia do Sul ⁵⁶, é importante ressaltar que muita coisa pode ser dita em favor de ambas as teorias, não sendo salutar ser extremadamente dogmático em nenhuma das posições. As duas teorias continuam recebendo apoio de nomes eminentes, mas independentemente da opinião que seja ressaltada, deve-se sempre manter uma boa dose de cautela ⁵⁷.

2.3.

Propósitos da epístola

A epístola aos Gálatas apresenta evidências internas que permitem argumentar sobre os alguns motivos pelas quais ela fora escrita. Certamente uma determinada agitação rondava a comunidade e tinha ramificações diversas que precisavam ser tratadas pastoralmente por Paulo.

Faz-se necessário apontar para o fato de que, do ponto de vista da crítica histórica, as dimensões do campo a ser investigado criam por si mesmas dificuldades que são ainda mais fortalecidas pela falta de fontes alternativas confiáveis que possam ser confrontadas com os dados oferecidos pela carta de Gálatas. Alguns defendem que existe a disposição o livro dos Atos dos Apóstolos, mas seu valor histórico é, no mínimo, discutível, já que seu autor parece ter desejado oferecer, mais que um testemunho fiel, uma elaborada concepção teológica ⁵⁸.

Para localizar a epístola aos Gálatas, usando ao livro de Atos, é necessário ressaltar que este último recebe a crítica de que seu autor procurou, e de forma proposital, amenizar os desencontros, minimizar as contradições e silenciar sobre

⁵⁴ GIAVINI, G., *Gálatas – Liberdade e Lei na Igreja*, p.12.

⁵⁵ Que é a teoria clássica reinante até meados século XIX.

⁵⁶ Que é a posição de vários especialistas modernos, favorecida principalmente pelo fato de envolver igrejas conhecidas em Atos.

⁵⁷ GUTHRIE, D., *Gálatas: Introdução e comentário*, p.37.

⁵⁸ H.CONZELMANN, D., *Mitte der Zeit. Studien zur Theologie des Lukas*, 1962.

os duros combates e as violentas oposições. Sua visão do cristianismo primitivo é deliberadamente *irênica*⁵⁹ e, portanto, esquemática, além de trazer também uma distância cronológica dos fatos, o que deve ser considerado⁶⁰. Os Atos dos Apóstolos podem, quando muito, dar-nos aqui e ali uma confirmação, um dado complementar⁶¹.

Apesar das dificuldades levantadas acerca do ponto de vista histórico, é possível encontrar diversos motivos (inclusive internos) que justificam a escrita da epístola aos Gálatas. Existem diferentes gradações entre as motivações, sendo uns de cunho central e outros mais secundários, conforme destacado a seguir.

Um tema central que motivou a epístola aos Gálatas ser escrita, foi a necessidade de recuperar a liberdade em relação ao judaísmo. A vinculação com Deus não podia ser regulada pelos ritos e práticas da religião judaica, como queriam possivelmente os judaizantes. Muitos judeus-cristãos, esperavam que os gentios fossem incorporados ao povo de Deus numa que seria chamada de *era messiânica*⁶². Ao se depararem com a formação de novas comunidades, numa nova perspectiva sem regras claras, não sabiam o que fazer e nem que atitudes tomar. Eles possivelmente não tinham de forma consolidada, por exemplo, a *Halaka*⁶³ de forma consolidada e plenamente conhecida. Havia algum consenso entre muitos deles e isso era condição para se tornar povo de Deus; Alguns judeus-cristãos defendiam que as condições judaicas, como a de passar pela condição de *prosélitos*, deveriam ser aplicadas aos gentios cristãos⁶⁴.

Sem dúvida, a defesa de uma liberdade em Cristo e do requisito de fé para se tornar filhos de Deus era um motivo condensador na escrita da epístola. Por isso o termo *fé* aparece várias vezes na epístola (1.23; 2.16; 3.26; 5.22).

⁵⁹ Sinônimo de apaziguadora.

⁶⁰ C.f., E. HAENCHEN, D. *Apostelgeschichte*, p. 88-89. Sobre o valor histórico dos Atos.

⁶¹ C.f., O. KUSS: “Dado que as tentativas de harmonização falham sempre, e dado que não é possível duvidar da exatidão das declarações de Paulo, não resta outro caminho senão concluir pelo desconhecimento, pela inexatidão ou ‘liberdade’ literária do autor dos Atos” (Paolo, 114).

⁶² SANDERS, E. P. *Paulo, a lei e o povo judeu*, p. 29.

⁶³ Halaka é uma norma de conduta, que vem do hebraico, que significa andar, caminhar. Por outro lado, é uma interpretação rabínica que se interessa pelos textos jurídicos, principalmente os da Torá, com a intenção de interpretar as normas já existentes e de determinar novas diante de situações imprevistas e para levar à formulação de novas normas de direito, tornando-se instrumento de jurisprudência.

⁶⁴ SANDERS, E. P., op. Cit., p.30.

A carta é produto de um “coração agitado, mas cheio de amor. É o irromper inopinado numa corrente na encosta montanhosa, quebrou a represa”⁶⁵. A epístola marca um novo tempo, constitui um retorno às ideias de Jesus, ideias e ideais mal compreendidos pelos cristãos da época, e até hoje por muitos. Paulo afirma que o cristianismo verdadeiro e genuíno se manifesta de forma direta ao sagrado, por meio da fé, sendo isso essencial. As demais coisas são secundárias, devendo os cristãos se concentrar no que é essencial.

Segundo CAAR, a ideia judaica, ou dos judaizantes, era de livramento das consequências dos pecados ou transgressões. Paulo defende que Cristo se entregou completamente, até a última instância, para que a obra redentora de Cristo pudesse livrar o homem de todo pecado e de qualquer outra amarra, não podendo haver empecilho entre o homem e Deus.

Quando Paulo fala que não recebeu nem aprendeu o evangelho de homem algum, ele naturalmente não se refere aos fatos da vida e ensinamentos da vida de Jesus, pois seria improvável que passasse 15 dias com Pedro (Gl. 2.18) e não aprendesse nada dele. Paulo se refere, na verdade, à interpretação que lhe fora dada por intermédio de Jesus Cristo. A origem essencial de seu chamado é divina e não outra⁶⁶.

A epístola no seu contexto imediato discutia questões polêmicas como as relações religiosas entre judeus e gentios e suas consequências, é o caso da circuncisão. Por se tratar de questões teológicas, vinha daí a necessidade de inserir a justificação pela fé. Não se estava abordando as questões de distinção político-culturais entre judeus e gregos. O que estava em jogo era a questão religiosa dos cristãos de Gálatas e não as questões sociais. Diante dos emaranhados de conflitos, surge o batismo como um indicador simbólico prático de superação das contradições étnicas, sociais e de gênero⁶⁷.

Os judaizantes não queriam obrigar os cristãos a cumprirem *toda* a Lei, mas um ao menos uma *pequena parte* dela⁶⁸. Isto, conseqüentemente, resultaria na obediência às festividades, aos rituais de pureza e à exigência da circuncisão.

⁶⁵ CARR, W. M., *Exegese aos Gálatas*, p. 12.

⁶⁶ CARR, W. M., *Exegese aos Gálatas*. p. 23.

⁶⁷ FERREIRA, J. A., *O projeto revolucionário de Gálatas 3,26-28*. In *Revista de Interpretação Bíblica latino Americana*. p. 135

⁶⁸ POHL, A., *Gálatas*. p.23.

Paulo não aceita a observância nem de parte da Lei, como também rejeita a imposição feita aos pagãos ⁶⁹.

Outro motivo que conduz Paulo escrever a referida epístola dos Gálatas é a *defesa do seu apostolado*, visto que sua autoridade estava sendo questionada. A epístola pretende concomitantemente *neutralizar os agitadores da Galácia*, que pregam outro evangelho e questionam a validade da pregação de Paulo ⁷⁰. Não seria possível continuar defendendo a liberdade da igreja através da perspectiva de fé, se a sua autoridade estivesse posta em dúvida, justamente por isso Paulo abre a epístola defendendo sua autoridade (1,1), sendo que a finalidade não era uma auto-exaltação, mas a defesa de um modelo de igreja.

A veemência e vigor com os quais Paulo defendia sua apostolicidade indicam que a mesma era questionada de forma regular. A afirmação que sua chamada vinha “diretamente de Deus e Jesus Cristo e não de homens” nem por intermédio destes, implica uma diferenciação dos demais *pastores*. O alvo dos caluniadores não era o seu ministério cristão, a recusa maior era em colocá-lo na condição de *apóstolo* e colocá-lo naquela categoria ⁷¹.

O termo apóstolo às vezes era usado com mais de um significado; às vezes indicava os pregadores do evangelho sem preocupação com a classe à qual pertenciam, outras vezes indicavam uma referência distinta, uma mais elevada ordem na igreja ⁷². A chamada “por intermédio de Deus e Jesus Cristo e não por homens” era algo comum aos apóstolos que foram chamados pelo próprio Jesus Cristo. Não era o que ocorria com o *pastor comum*; o próprio Paulo quando viajou para várias cidades em companhia de Barnabé, promoveu “a eleição de presbíteros, em cada igreja” (At. 14,23) e ordenou Tito e Timóteo, que também promoveram tais eleições depois, (1 Tm. 5,17; Tt. 1,5). Paulo, então, não estava rejeitando a ordenação feita pelos irmãos de Antioquia e demais igrejas, mas é verdade que a direção de seu argumento indicava que a sua chamada se dera por

69 GONZAGA, W., Tese: *A verdade do evangelho(Gl 2,5.14) e a autoridade na igreja*, 2007.

70 MAZZAROLO, I., *A bíblia em suas mãos*. p.182.

71 CALVINO, J., *Gálatas*. p. 18.

72 Possivelmente Paulo não estava diretamente reivindicando títulos e honrarias para si mesmo, a questão não era a reivindicação de alguma auto primazia. O que podia estar em jogo era o fato de que as exigências feitas aos gálatas (como a circuncisão) eram apoiadas por apóstolos, logo ao reivindicar sua apostolicidade Paulo se coloca no mesmo nível dos demais apóstolos e defende sua causa.

Deus e que aqueles irmãos, quando impuseram as mãos sobre ele, não fizeram por vontade própria, mas por obediência à revelação divina ⁷³.

A defesa da unidade, ponto central da missiva, irradia luz para a compreensão de toda epístola, constituindo Gálatas 3.26-28 um dos textos de maior abertura de fronteiras e diálogos do Novo Testamento ⁷⁴. A superação dos antagonismos é defendida como elemento essencial e basilar da comunidade.

Paulo, ao escrever aos gálatas, defende um modelo de igreja que rompa com as diferenças e caminhe rumo à unidade e à liberdade em Cristo Jesus (3, 26-28). Gálatas 3.26-28, ao afirmar que não há escravo nem livre, constitui, pois, um dos princípios mais revolucionários das comunidades cristãs primitivas ⁷⁵, possibilitando abertura a todos os povos e constituindo uma visão mais ampla da perspectiva salvífica do evangelho de Cristo Jesus.

2.4.

A questão étnico-religiosa na Galácia (*judeu e grego*)

A expansão cultural do helenismo a partir de Alexandre Magno e, sobretudo, a perseguição de Antíoco Epífanes, em 167-164 a.C. provocaram um endurecimento de atitudes entre judeus e pagãos.

Nenhum judeu ortodoxo, especialmente os fariseus, se envolveria numa vida comum com os incircuncisos, que eram legalmente considerados impuros ⁷⁶. Em sua visão sócio-religiosa, uma vez que os gentios quisessem aceitar o Messias do judaísmo para prestar culto ao Deus dos judeus, necessitariam converter-se aos moldes da Lei, sendo devidamente circuncidados, a fim de ingressarem com os mesmos direitos e deveres na cidadania judaica. Mas, ao contrário do previsto, o que aconteceu foi o surgimento de um novo e autônomo movimento religioso, que veio denominar-se cristianismo.

⁷³ CALVINO, J., Op. cit., p. 19.

⁷⁴ FERREIRA, J. A., Tese: *A abertura de fronteiras rumo à igualdade e liberdade: A perícopes da unidade em Cristo (Gl 3,26-28)*. 2001.

⁷⁵ Ibid., p.196.

⁷⁶ GONZAGA, W., *A Verdade do Evangelho e a Autoridade na Igreja*, p. 36.

Tendo a seita judaico-cristã sido impulsionada por meio das revelações advindas do próprio Cristo ao apóstolo Paulo ⁷⁷ e tendo sido revelado que a vontade divina era que a graça da salvação se estendesse igualmente a todos os povos, por meio da fé, então, segundo alguns, não haveria a necessidade de adotar liturgias judaicas. Para outros, entretanto, a nova fé não deixava de ser somente fruto do judaísmo e das promessas milenares dos profetas hebreus e, com isto, mesmo que pudesse estender-se a outros povos, deveria ser observado o processo de circuncisão que o próprio Deus já havia ordenado a Abraão e seus descendentes. O problema é que faltava clareza mesmo entre o principal e mais influente grupo religioso, o dos fariseus, que se dividia mais destacadamente entre as duas escolas mais famosas da época: a de *Hilel* e a de *Shammai* ⁷⁸, fazendo com que em Israel nascessem inicialmente duas *Torot* ⁷⁹.

O autor ao expressar que “não há judeu nem grego”, está na verdade abrindo corajosamente uma janela impensável, visto que as diferenças entre judeus e gregos na época eram gigantescas e acirradas. Os gregos que também podem ser identificados por helenistas, eram altamente influenciados pelo poder filosófico, religioso e político. O helenismo estava mais preocupado com a realidade perceptível que conceitual ⁸⁰, tendo de forma muito marcante conceitos como o *cosmopolitismo*, *individualismo* e *teocracia*.

O cosmopolitismo era algo que se distinguia frontalmente da forma de pensar de um judeu ortodoxo, pois para os gregos o acesso à cidadania era dado através da iniciação das letras e ciências e não se separava nacionais e estrangeiros, mas ignorantes e letrados. O estrangeiro que tivesse conhecimento e erudição já era considerado cosmopolita ⁸¹. O judeu já pensava diferente; não bastava o conhecimento para ser bem visto no seu meio, mas havia de se ter descendência, ser zeloso na lei e ser circuncidado. Era uma questão muito mais nacionalista e religiosa do que de erudição.

⁷⁷ KÜMMEL, W., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 381.

⁷⁸ A escola de Hilel, de tendência mais liberal; A escola de e shammai, de caráter mais conservador, eram as duas escolas judaicas que interpretavam a Lei e as observâncias judaicas e determinavam as regras do agir diário no tempo de cristo e, conseqüentemente, no tempo de Paulo.

⁷⁹ GONZAGA, W., *A Verdade do Evangelho e a Autoridade na Igreja*, p. 37. citando: M.Hengel, *II Paulo precristiano*, 123-124.

⁸⁰ MAZZAROLO, I., *O Apóstolo Paulo: O grego, o judeu e o cristão*, p. 46.

⁸¹ *Ibid.*, p. 47.

Outra distinção importante que a missiva de Gálatas em 3, 26-28 punha em análise assimétrica, era quanto à religiosidade no mundo judaico e no mundo grego. Os gregos tinham muitos deuses, enquanto que os judeus do primeiro século há muito tempo já haviam estabelecido a crença em um único Deus. Os relatos mitológicos no mundo helenista eram diversos e se destacavam as aventuras dos deuses, sendo que a eles eram atribuídos grande autoridade e poderes absolutos sobre os mortais.

Os judeus da Galácia provavelmente mantinham as tradições e crenças judaicas. Dentre os valores destes, estava a importância dada às leis de pureza da *Torah*. A pureza apregoada marcava Israel no seu dia a dia como “nação santa, povo eleito” (Ex. 19.5-6)⁸². As leis de pureza afastavam os judeus dos considerados pagãos, sendo que os textos apresentam frequentemente um ideal bastante rigoroso. Logo, para o judeu, estas questões de cunho religioso eram motivo de marcação de identidade e separação, principalmente nas regiões onde a população era bastante miscigenada.

Com a expansão cultural do helenismo a partir de Alexandre Magno e com a perseguição de Antíoco de Epifanes (167-164 a.C.), houve um endurecimento dos judeus para com os pagãos. Houve uma generalização das leis de pureza⁸³. Além disso, o casamento era algo também que os separavam. No tempo de Esdras os judeus expulsaram suas esposas e filhos (Esdras 10), a mulher estrangeira era considerada impura, contaminava o marido pelo fato de não observar a Lei de Moisés⁸⁴, sendo que quem não cumpria tal lei era tratado com desprezo e considerado maldito (Jo 7,49).

O livro dos jubileus⁸⁵, que era utilizado pelos judeus na época em que a epístola dos Gálatas foi escrita, defende uma separação extremada até nas refeições entre judeus e pagãos:

Separa-te das nações, declara Abraão a Jacó, e não coma com elas. Não deves agir à maneira de suas obras nem te tornar seu associado; pois suas obras são

⁸² COTHENET, E., *A epístola aos Gálatas*.p. 36.

⁸³ *Ibid.*, p. 36.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 36.

⁸⁵ Também chamado de pequeno Genesis, trata-se de um livro escrito por um judeu no II século a.C. Recebe se nome por dividir a história em períodos jubileus. Narra diversos eventos bíblicos como: História de Adão e Eva, mundo após o dilúvio, vida de Abraão e vida de Jacó.

impuras e todos os seus caminhos são uma imundície, uma abominação e impureza (Jubileus XXII, 16).

Os judeus da diáspora não eram menos rigorosos quanto à pureza em comparação aos da Palestina. Na Palestina, onde os judeus se comportavam como súditos do rei do Egito, não se deixavam de morar em bairros separados ⁸⁶. É possível e provável que os judeus da galácia mantivessem os costumes judaicos e conservassem um distanciamento daqueles que não fossem semelhantemente judeus.

Paulo era um judeu ⁸⁷ e estava escrevendo para uma comunidade que vivenciava o problema da volta ao judaísmo. Sendo que é necessário entender que o *grego* mencionado na epístola aos Gálatas não é uma referência direta à rica civilização de um povo, visto que a questão referia-se aos étnico-pagãos, que eram ignorados por grupos judeus ⁸⁸.

Para o teólogo Joel Antonio Ferreira ⁸⁹, a epístola de Gálatas revela os modelos de condução da igreja na novel trajetória do cristianismo. O primeiro modelo estava associado ao esquema de poder que tinham como colunas a Cefas, Tiago e a outros notáveis (apóstolos?). Eles pregavam a circuncisão e eram como que “espiões da liberdade” nos espaços judaizantes. O segundo modelo de igreja era aquele que tinha um esquema de carisma, liderado por Paulo, Barnabé e Tito; eram líderes secundários de menor proeminência, mas estavam ligados às comunidades, aos incircuncisos e aos gentios e marginalizados.

Se os destinatários de Gálatas não tivessem cisão nenhuma quanto às questões étnico-religiosas entre judeus e gregos, provavelmente a epístola não teria feito menção ao tal imbróglio étnico; não afirmaria que passara a inexistir diferença entre “judeu e grego”. Os destinatários da Galácia deviam estar a par das diferentes formas de ver o mundo dos judeus e gregos. Enquanto os judeus tendiam a ser mais fechados e inflexíveis, os gregos tendiam a ser mais abertos e

⁸⁶ COTHENET, E., *A epístola aos Gálatas*.op.cit., p. 36.

⁸⁷ Além de o próprio apóstolo falar de seu zelo ao perseguir a igreja em filipenses, Ele chega a ser chamado de “judeu radical” por BOYARIN, Daniel. *A radical jew Paul and the politics of identity*. Berkeley, Los Angeles, London: University of Califórnia Press, 1944.

⁸⁸ FERREIRA, Joel Antonio. Tese: A abertura de fronteiras rumo à igualdade e liberdade: A períclope da unidade em Cristo (Gl 3,26-28), pp. 63-64

⁸⁹ *Ibid.*, p. 67.

autônomos. De ambas as partes as assimetrias se conflitavam na convivência. E é por isso a epístola menciona tal questão.

2.5

A questão social na Galácia (*escravo e livre*)

Outro motivo de assimetria na Galácia estava no âmbito mais social; a escravidão era praticada tanto pelos judeus quanto pelos romanos e outros povos. O autor, ao mencionar que em Cristo “não há escravo nem livre”, no mínimo põe em evidência uma questão ainda não resolvida e por isso precisava ser mencionada.

Para compreender o peso da expressão “não há escravo nem livre” na Galácia, faz-se necessário ampliar a percepção sobre como funcionava e o que significava ser escravo ou livre no primeiro século da era cristã. A Galácia, assim como Israel, estava sob domínio de Roma. O Império Romano que anunciava a paz duradoura, na verdade expandia seu território por meio da força militar e cada vez mais adquiria terras que passavam para os militares de altas patentes como prêmios pelas conquistas. Também os prisioneiros de guerras se tornavam escravos⁹⁰ e havia uma forte exploração das terras adquiridas. Assim, aquele império legitimava a escravidão e utilizava-se da mesma para construir templos, estradas e aquedutos⁹¹.

Poucos grupos romanos detinham o poder sobre muitos e os grupos que controlavam os escravos em geral eram os *nobilitas*, senadores e militares de altas patentes. Estes por sua vez usavam a força de trabalho oriunda dos escravos em troca do mínimo para a sobrevivência dos escravizados. Para o teólogo James Dunn⁹², a escravidão ainda não era considerada imoral ou necessariamente

⁹⁰ Muitas vezes a forma de explorar os povos conquistados era na verdade limitar a liberdade e autonomia dos mesmos deixá-los em suas terras para que produzissem e pagassem altas taxas de impostos ao império. De uma forma ou de outra a exploração estava presente, mas quando o prisioneiro era levado como escravo com a finalidade de servir em algumas fazendas ou nas construções romanas, a exploração, dor e sofrimento poderia ser ainda mais aguda que a anterior.

⁹¹ FERREIRA, Joel Antonio. Tese: A abertura de fronteiras rumo à igualdade e liberdade: A perícopes da unidade em Cristo (Gl 3,26-28), 2001, p. 92.

⁹² DUNN, James. A teologia do apóstolo Paulo, p.785.

degradante; era simplesmente um meio de prover mão de obra para os objetivos econômicos de quem detinha o poder.

Segundo Dunn, pelo menos um terço dos habitantes das grandes cidades eram escravos e as economias do mundo antigo não funcionavam sem a escravidão como ela era exercida. Importante ressaltar que a escravidão contrastava com os ideais gregos de liberdade, portanto, vender-se como escravo era o último recurso de uma pessoa endividada. Um escravo podia até ser bem educado e ter grandes responsabilidades, mas, dependendo do seu senhor, viver esta situação de relativa emancipação era até pior que a de escravidão radical em si, já que, embora ele soubesse e tivesse *algo mais*, não era possível esquecer fugir à sua condição ⁹³.

Existiam vários modelos distintos de escravidão, como a da prostituição sagrada das hieródulas ⁹⁴, escravas dos santuários de Afrodite, deusa do amor, que poderia ser um serviço temporário: uma iniciação aos cultos poligâmicos na iniciação à vida sexual da jovem antes do casamento; ou um serviço permanente, como no caso das sacerdotisas dos santuários ⁹⁵.

A liberdade era algo pessoal, era a posse mais preciosa para o grego ático. Ter autonomia diante dos outros era algo extremamente valorizado por estes ⁹⁶. É também importante dizer que nem sempre um escravo era tratado como *bárbaro* e que, por vezes, até tinha posição de relativa igualdade nos mistérios de eleusianos. Ainda assim, a vida de um escravo era de muita labuta e nada favorável ⁹⁷.

Os escravos (*δοῦλος*) no Oriente Antigo eram prisioneiros de guerras (Nm 31,7; Dt 20,10; 1Rs 20,9; 2 Cr 28,8), sendo alguns destinados ao tabernáculo ou ao templo (Nm 31, 32-47; Js. 9, 27-32; Ed 8,20; Ez 44,7) e outros ainda para as funções militares (Dt 20,10-14; 21.10; Jz 5,30), sendo que a maioria findava como pertença do rei, desempenhando um papel importante para a causa israelita no período da monarquia (1 Rs. 9.21, 27; 2 Cr. 8.18; 9.12). Tanto o AT como o

⁹³ DUNN, James. A teologia do apóstolo Paulo, p. 786

⁹⁴ Existia em Pafos, e nos arredores, um costume análogo ao das hieródulas gregas, tanto na Mesopotâmia quanto na Babilônia, em que toda mulher deveria, ao menos uma vez na vida, freqüentar um templo de Afrodite e relacionar-se com um homem estranho. Tal ritual à deusa da fecundidade, permitiria que a feminilidade ajudasse a fecundar a terra (Nougier, L-R. La femme dans La Pré-histoire.301).

⁹⁵ MAZZAROLO, Isidoro, O Apóstolo Paulo – O Grego, O judeu e o Cristão, p. 84.

⁹⁶ Percebe-se que no mundo grego, em função dos conceitos filosóficos de liberdade a escravidão era mais repugnada e menos utilizada, apesar de também existir.

⁹⁷ BROWN, C. O Novo Dicionário Internacional de Teologia do novo Testamento, p. 673.

Código de Hamurabi, procuravam dispor de algum bem-estar para os mesmos, mas a escravidão não era condenada de uma vez por todas ⁹⁸. Já o sequestro e a venda de um israelita eram considerados crimes capitais (Ex 21.16; Dt. 24.7).

O escravo israelita ⁹⁹ podia recusar a liberdade depois de cumprido o período estipulado de seis anos, onde o patrão era obrigado a oferecer-lhe a liberdade (Ex. 21.5-6; Lv. 23.39-55, Dt. 16.16-17), no entanto, havia vozes de profetas que condenavam a escravidão por considerarem-na algo desumano (Is. 50.1, Am. 2.6). Já na Babilônia e no Egito, os escravos podiam ser marcados com ferros quentes ou tatuados, sem que isso infundisse uma aberração moral ¹⁰⁰.

No mundo grego as escravas não tinham direitos civis e ficavam submissas à mulher oficial. As prostitutas tinham mais mobilidade por terem mais dinheiro e por serem beneficiadas por seus amantes. A única forma de ascenderem socialmente e se libertarem da escravidão era através do casamento oficial com um homem livre e com relevante poder econômico ¹⁰¹.

Apesar de a missiva ser dirigida aos cristãos da Galácia, supostamente trataria também de temas mais ligados aos aspectos religiosos e para além de uma determinada fronteira. Paulo surpreende ao introduzir indiretamente uma questão que ele bem conhecia na sua condição de cidadão livre do mundo, do império romano e dos ambientes grego e judaico: a escravidão. O autor da epístola demonstra que as relações intra-comunidades eram afetadas por questões estruturais externas ao macro sistema ¹⁰².

Paulo conhecia muito bem as agruras em que viviam os escravos e as rejeições que eles sofriam por parte dos livres, principalmente os livres que também eram patrões. Por isso, o apóstolo emite um parecer desafiador, onde de forma tácita afirma que estas assimetrias não valem nada diante de Deus. O

⁹⁸ Ibid., p. 674

⁹⁹ Brown argumenta que conforme o código de hamurabe a escrava que dera filhos ao esposo de sua senhora não podia ser vendida, esse poderia ser o caso de Hagar (Gn 16), no mesmo código o escravo não era considerado como parte injustiçada. No AT o escravo lesado, é seu dono que recebe a compensação (Ex 21,32), os escravos poderiam ser maltratados, mas em caso de perda de um membro, teria que ser liberto e no caso de morte do mesmo o dono poderia ser punido (Ex 21,20-27). Era esperado que o escravo trabalhasse e observasse inclusive as prescrições religiosas do seu senhor.

¹⁰⁰ BROWN, C. O Novo Dicionário Internacional de Teologia do novo Testamento, p. 674.

¹⁰¹ MAZZAROLO, Isidoro, O Apóstolo Paulo – O Grego, O judeu e o Cristão, p 84.

¹⁰² FERREIRA, Joel Antonio. Tese: A abertura de fronteiras rumo à igualdade e liberdade: A períclope da unidade em Cristo (Gl 3,26-28), p. 93.

enunciado preconiza que a escravidão social deveria desaparecer ¹⁰³. Trata-se ao mesmo tempo de um discurso religioso com forte crítica ao sistema social da época, onde diante de Cristo a escravidão deveria mesmo inexistir. Já que a escravidão era uma realidade daquela sociedade, a comunidade não poderia reproduzir o modelo de casta social e fazer manutenção do processo exploratório.

2.7.

A questão de gênero na cultura judaica e Greco-Romana (*homem e mulher*)

A missiva de Gálatas 3,28 introduz mais uma assimetria provavelmente presente na comunidade, sendo que mais uma vez, a exemplo das questões anteriores que envolviam aspectos étnico-religiosos e sociais, acontece uma proposta igualitária e libertadora com possíveis repercussões nas relações homem-mulher.

A mulher se vinculava no mundo judaico ao marido via casamento ¹⁰⁴. Segundo o AT, a mulher era uma posse do marido ¹⁰⁵, podendo até ser cobiçada como um boi ou jumento (Ex. 20.17; Dt. 5.21). Rute, que é colocada em certo relevo, acabou sendo comprada com o campo que Boaz redimiu (Rt. 4.5,10). As mulheres eram do *povo da aliança*, mas o sinal da aliança, a circuncisão, existia apenas para os homens. Sabe-se que as mulheres, apesar de ocuparem um lugar social inferior ao dos homens ¹⁰⁶, também podiam desempenhar algumas funções importantes como a de profetisa, que é o caso de Mirian, irmã de Moisés (Ex. 15:20); e Débora, que também julgava o povo (Jz. 4:4) ¹⁰⁷.

Na cultura helenística, havia dois grupos: o das mulheres nobres e livres e o das escravas e servas. Ocasionalmente, poder-se-ia classificar um terceiro

¹⁰³ Este pode ser um aspecto utópico naquele momento, visto que a economia em boa parte estava ancorada sobre o trabalho escravo.

¹⁰⁴ A noiva tinha de fato um preço, que era o dote pago.

¹⁰⁵ Apesar de a esposa ser considerada uma posse, não era o mesmo que um outro bem, pois em se tratando da esposa não podia ser vendida.

¹⁰⁶ Inclusive no Novo testamento se verifica que as mulheres ocupavam um lugar de inferioridade, em 1 Cor 14, 34-35 elas são orientadas a não falarem nas assembléias e caso tenham alguma dúvida devem tirar em casa com os maridos.

¹⁰⁷ BROWN, C. O Novo Dicionário Internacional de Teologia do novo Testamento, p. 1336.

grupo: prisioneiras de guerras, que eram filhas ou esposas dos vencidos. De um modo geral, a mulher usufruía de certa liberdade; a do direito à posse e da administração de bens ¹⁰⁸. Em certos períodos da história, ela participava também da vida acadêmica, política e cultural de suas cidades. Mas por volta dos séculos V e IV a.C., por exemplo, as atenienses, de origem rica ou pobre, não poderiam possuir dinheiro em espécie.

Segundo Bernadete Brooten, mesmo na conservadora tradição judaica, há registros de que as mulheres exerciam diferentes funções na comunidade. Junto à sinagoga e no culto judaico, elas atuavam ao lado dos homens como mães, anciãs e até sacerdotisas ¹⁰⁹.

De acordo com a configuração platônica, a mulher podia exercer atividades públicas, comerciais e políticas, sendo que a educação da *Pólis* também estava sob a tutela dela. Mas Platão teria exigido que a mulher fosse tal qual um homem, e como ela não pode sê-lo perfeitamente, seria considerada como imperfeita. A mulher helênica e de todo o Médio Oriente, era responsável pela casa, pela educação e cuidado dos filhos, enquanto que ao homem estava o compromisso com o serviço externo.

Conforme destaca Nougier, o celibato era mal visto em cidades da Grécia, especialmente sob o ponto de vista religioso, visto que a continuidade do culto familiar dos ancestrais seria interrompida, pois só podia ser transmitida para os filhos do casamento legítimo. Licurgo ataca o celibato como sendo algo infame. As mulheres não podiam se negar a casar, visto que ela era o instrumento de continuidade da espécie e manutenção da raça, principalmente em casos de epidemias e guerras. Assim, a regra era que quanto mais filhos tivesse, mais seria abençoada. De acordo com Mosse, na cultura hebraica a mulher foi feita para gerar filhos e gerenciar o lar, recebendo muito mais apreço quando gerava uma criança do sexo masculino ¹¹⁰.

Os jovens eram estimulados a casarem cedo, representando a emancipação do rapaz e fazendo com que tutela da moça passasse ao marido. Tanto no meio do

¹⁰⁸ MAZZAROLO, Isidoro, O Apóstolo Paulo – O Grego, O judeu e o Cristão, 2008.

¹⁰⁹ Cf. Brooten, B. The Women Leaders, citado in MAZZAROLO, Isidoro, O Apóstolo Paulo – O Grego, O judeu e o Cristão, p. 137.

¹¹⁰ MAZZAROLO, Isidoro, O Apóstolo Paulo – O Grego, O judeu e o Cristão, p 94.

mundo helenístico quando no judaico e em outros povos havia uma única exceção para o celibato masculino, que era para os eunucos ¹¹¹.

O homossexualismo, por sua vez, como se vê na obra de Platão, *O Banquete*, revela-se como um fenômeno comum na sexualidade da Grécia antiga, não sendo visto como desvio moral e sim como uma forma natural de encontrar a felicidade em sua alma gêmea ¹¹². No contexto judaico, porém, era visto como um desvio de conduta, onde ambos poderiam ser mortos por apedrejamento. No mundo romano, Cesar Augusto obrigava todo homem, entre 18 e 50 anos, a ser casado com uma única mulher.

Apesar de o judaísmo ter absorvido também parte da cultura helênica, percebe-se que o tratamento em relação a mulher se dava no âmbito de cada cultura de origem. Em alguns momentos, verifica-se que algumas foram consideradas grandes mães, rainhas, nobres e até libertadoras. Outras, como Judite e Ester, são parte da literatura novelística do judaísmo helenístico, como forma de protesto ao androcentrismo judaico ¹¹³.

Hierarquicamente, na tradição judaica, pode-se organizar a sociedade nesta ordem decrescente de valores: sacerdote, fariseu, escriba e trabalhadores populares. Abaixo destes, no mesmo nível, encontra-se a mulher, o publicano e o estrangeiro ¹¹⁴.

A mulher judia era dada em casamento em troca de um dote. O marido era chamado de *baal*, que significa possuidor ou dono. A compra da noiva se dava pela escolha dos pais na época do casamento ou quando esta ainda era criança. Podia ser oferecida para firmar um pacto ou aliança entre famílias. Segundo a tradição rabínica, havia alguns critérios que os pais deveriam seguir para o casamento da filha: primeiramente se deveria procurar o filho do sumo-sacerdote para oferecer a filha em casamento. Não conseguindo, se procuraria o filho de um levita ou sacerdote da cidade e, finalmente, entre os nobres e ricos comerciantes ¹¹⁵. Todo este rito, que expunha bastante a figura feminina, acabava por dar ao marido o sentimento de posse sobre a mulher.

¹¹¹ Eunucos, aqueles que se deixavam castrar a fim de poderem trabalhar no palácio do rei e no confinamento das concubinas deles, sem que elas corressem o risco de serem molestadas.

¹¹² MAZZAROLO, Isidoro, *O Apóstolo Paulo – O Grego, O judeu e o Cristão*, p 94.

¹¹³ *Ibid.*, p. 99.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 100.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 103.

A mulher na sociedade judaica era vista em geral como uma menor em seus direitos e status social. A viúva em Israel, se não fosse mulher de homem rico, cairia na miséria com seus inúmeros filhos. Se não tivesse filhos, seria dada como esposa ao cunhado. Não havendo parente próximo, estaria livre para buscar outro casamento.

Alguns teóricos são ainda mais radicais quando se trata da posição da mulher israelita, Segundo De Vaux, a situação da mulher israelita era muito precária em relação a países vizinhos, tais como Assíria, Babilônia e Egito. Os direitos civis da mulher - ainda que em menor quantidade do que os dos homens - permitiam à mulher uma situação de maioria social e política. Em outros povos, houve períodos em que a mulher gozava de direitos e prestígios semelhantes ao do homem ¹¹⁶.

É necessário ter prudência ao se falar da mulher na cultura e sistema judaico antigo, deve-se evitar os exageros sem perder a crítica necessária. Pode-se então dizer que algumas mulheres tiveram papel de destaque, mas que de forma geral o homem exercia o status de primazia naquela sociedade.

¹¹⁶ MAZZAROLO, Isidoro, O Apóstolo Paulo – O Grego, O judeu e o Cristão, .p 106.